

IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS DE DOCENTES NEGRA(O)S DA UFAM.¹

Resumo

Este artigo é resultante da minha dissertação para titulação de Mestrado, uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação e concluída em abril de 2010. Nesta, investiguei as trajetórias acadêmica e profissional de docentes negra(o)s. Para tanto, a abordagem biográfica – história oral de vida - foi a metodologia aplicada. Filmei o depoimento de cinco docentes, três do sexo feminino (duas mestras em Educação e uma doutora em Serviço Social) e dois do sexo masculino (um especialista em Educação e um mestre em Ciências Sociais), a partir de um roteiro semi-estruturado. Os objetivos propostos eram dar visibilidade aos docentes negra(o)s, desconstruir a ideologia vigente da inexistência da presença negra no Amazonas e analisar o processo de construção e reconstrução das identidades negras desta(e)s docentes. Concluo apontando a necessidade de implementação de um programa de combate ao racismo institucional e uma ampla reforma curricular numa perspectiva de reeducação das relações étnicorraciais na UFAM.

Palavras-chaves: identidades negras, docentes negra(o)s, educação das relações étnicorraciais.

INTRODUÇÃO

A dissertação intitulada, **Identidades e trajetórias de docentes negra(o)s da UFAM**, é o resultado de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação para titulação de Mestrado, cuja problemática é a desigualdade racial na educação. Este é um texto síntese da dissertação.

Baiana, vivendo no Amazonas a sete anos, constatei a invisibilidade imposta aos negro(a)s neste Estado.

Portanto, a principal motivação para a realização desta pesquisa foi minha inquietação diante desta ideologia dominante, a da negação da presença negra no Amazonas.

Assim, ao ingressar na carreira docente na UFAM, via concurso público, no processo de interiorização desta Universidade, conheci outro(a)s pares negro(a)s e resolvi dar

¹ Professora Assistente da UFAM, Campus Vale do Rio Madeira, Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA), município de Humaitá. Vice-coordenadora do Núcleo de estudos afrobrasileiros e das relações étnicorraciais na Amazônia (NEGRA/UFAM).

visibilidade a este segmento como forma de reconhecimento da identidade étnicorracial e acadêmica deste(a)s.

Um outro aspecto motivador foi perceber a ausência de Núcleos de Estudo/Pesquisa sobre Educação e Relações Raciais e de linhas de pesquisa, sobre esta temática, nos cursos de Pós-graduação na UFAM. Bem como, a inadequação dos currículos dos cursos de Licenciatura, uma vez que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana sugere aos cursos de Formação de Professores, e aos demais cursos do Ensino Superior, respeitada a autonomia universitária, a

Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino Superior. (BRASIL, 2004)

Para concretizar esta pesquisa, estabeleci as seguintes questões:

- ✓ Como ocorreu a trajetória acadêmica da(o)s docentes negra(o)s?
- ✓ Quais fatores determinaram esta trajetória acadêmica?
- ✓ Como se desenrolou a trajetória profissional na UFAM?
- ✓ Que desafios enfrentaram ao longo destas trajetórias?
- ✓ Ao longo de suas trajetórias acadêmica e profissional, perceberam mudanças em relação à assunção da identidade negra?
- ✓ Que tipo de estratégias desenvolveu diante do racismo institucional?

Para respondê-las, elenquei como objetivo geral:

- ✓ Investigar as trajetórias acadêmica e profissional de docentes negra(o)s desta Universidade.

E, como objetivos específicos:

- ✓ Analisar o processo de construção e reconstrução das identidades destes e destas docentes;
- ✓ Identificar as formas assumidas pelo racismo institucional e

- ✓ A necessidade ou não da implantação de políticas afirmativas nesta Universidade.

A dissertação, resultado da pesquisa, está estruturada em cinco capítulos:

O primeiro trata da trajetória da pesquisa; O segundo, da identidade negra e seus movimentos de construção e reconstrução ao longo das trajetórias acadêmica e profissional destes e destas docentes; O terceiro, discorre sobre a ascensão social da(o) negra (o) via educação; O quarto versa sobre o racismo institucional e, o último, apresenta as considerações finais.

1. A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Esta pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, optando pela metodologia da História Oral.

Utilizei na coleta de dados, a técnica da história oral de vida e estabeleci um corte, ao delimitar alguns aspectos relevantes da história de vida deles e delas, e não a totalidade de suas vidas, para responder aos objetivos propostos, adotando assim, a técnica da abordagem biográfica.

O critério principal de escolha destes e destas colaboradores e colaboradoras foi a assunção da identidade negra. Optei pela denominação negra/o para afirmar positivamente a descendência africana, visto que aqui no Amazonas, é muito comum a denominação moreno/a em detrimento ao negro/a numa tentativa de evitar um possível embate étnico-racial. Adotei, também, a classificação negra/o por comungar com o ativismo negro, militante, considerando-a mais pertinente do que a categoria afro-descendente por, esta última, incluir os pardos e mestiços;

É uma atitude com a qual nos deparamos sistematicamente nas relações pessoais – parece ser “politicamente correto” tratar o afro-descendente como “moreno”, palavra fortemente enraizada na cultura brasileira. É um recurso simbólico de fuga de uma realidade em que a discriminação impera. Assim, os aspectos etno-raciais são escamoteados pela maioria das pessoas que procuram elementos de identificação em símbolos do grupo social e economicamente dominante. (FERREIRA, 2009, p. 18/19)

Outros critérios de inclusão foram utilizados como a ascensão na hierarquia universitária ou a posição de destaque ocupada na comunidade universitária, com o intuito de perceber as formas assumidas pelo racismo institucional. A questão de gênero foi, também, determinante, pela minha condição de mulher negra e pelo fato da presença feminina ser majoritária nas licenciaturas. E como nós, mulheres, somos maioria nesta investigação, quatro comigo, adotei a opção do gênero feminino sempre como primeira ordem, seguindo a opção masculina na segunda ordem na redação desta dissertação. Assim como adotei a opção da primeira pessoa da narrativa por assumir integralmente a minha identidade negra e as minhas imbricações na construção deste trabalho.

Para execução das entrevistas foi utilizada uma filmadora para gravar as narrativas deles e delas, todas autorizadas previamente, por escrito. Inclusive, com a autorização da identificação de suas identidades pessoais e a veiculação destas imagens.

Os depoimentos foram realizados com o apoio de um roteiro pré-estabelecido, sem interrupções, ou seja, sem intervenções orais da minha parte. As questões do roteiro não foram seguidas ao pé da letra nem na seqüência em que aparecem. Por isso que na estrutura dos capítulos alguns tópicos aparecem sem as falas correspondentes da(o)s depoentes. Tive apenas o cuidado de observar se a temática central havia sido respondida.

Após a gravação dos depoimentos dei início à fase de transcrição dos áudios de cada depoente. Optei pela edição de algumas imagens, consideradas por mim como essenciais, para mostrar o que as palavras não conseguem alcançar. Um vídeo será exibido ao final desta apresentação.

Foram pré-selecionada(o)s seis docentes da UFAM para a realização desta pesquisa. Um deles desistiu durante o processo. E eu escrevi uma breve nota numa tentativa de analisar a desistência dele. Da(o)s cinco docentes, três são da Faculdade de Educação – a Prof^a Msc Elenir Nicácio, o Prof^o Especialista Isaac Lewis e a Prof^a Msc Valdete Carneiro -, uma do Serviço Social – a Prof^a Dr^a Heloísa Helena - e um das Ciências Sociais – o prof^o Msc Luiz Antônio.

2. IDENTIDADES NEGRAS EM MOVIMENTO

As relações raciais no Brasil são permeadas por conflitos históricos devido às intrincadas relações econômicas e políticas que formaram a nossa sociedade. Portanto, a constituição das identidades da(o)s negra(os) deste país perpassa por esta rede de relações sociais e raciais, extrapolando-as e alcançando os patamares intrapsíquicos pertinentes à formação do inconsciente individual. Nesse patamar considero fundamentais as contribuições de Guerreiro Ramos para compreender os meandros da formação da identidade da(o) negra(o) brasileira(o). Isso porque este autor, ao analisar as ciências sociais de sua época, internacional e nacional, foi o pioneiro na elaboração de uma Sociologia do Negro no Brasil, sem a qual, tentar explicar a situação das populações negras brasileiras, seria inócuo. E o mais importante é que Guerreiro Ramos, vai, além disso, ao propor os fundamentos para uma Psicologia do Negro brasileiro, ferramenta imprescindível na compreensão da assunção ou não de uma identidade negra, um dos propósitos deste trabalho. Este sociólogo negro, proscrito, rompe com as fronteiras do seu tempo. Isolado intelectualmente, como a maioria de nós, docentes negras e negros, investe contra vários intelectuais estabelecidos na academia brasileira, brancos e não-brancos, apontando alternativas inusitadas para a problemática do negro no Brasil.

Ao investigar as trajetórias acadêmica e profissional de alguns docentes negra(o)s da UFAM me propus a analisar o processo de construção, desconstrução e reconstrução das identidades desta(e)s docentes negra(o)s. Assim sendo, durante o desenvolvimento desta pesquisa elegi identidades como a categoria principal. Identidades no plural devido a sua diversidade, como de gênero, de classe, de categoria profissional e étnico-racial. Eu parto do pressuposto de que o movimento dialético inerente às histórias de vida desta(e)s docentes foi o fator preponderante no processo de construção das identidades dela(e)s. Assim, são considerados neste percurso os pertencimentos sociais, econômicos e culturais que forjaram suas identidades nesse movimento constante e conflitante característico às diversidades da sociedade brasileira. Identidades que ora se sobrepõem, ora se complementam, visto que elas não são estanques, mas que estão num eterno devir. Contudo, o que me interessa realmente é a identidade étnico-racial, particularmente a identidade negra ou as identidades negras, pelo fato de eu assumir uma identidade negra, assim como as minhas e os meus depoentes.

Ao analisar o processo de construção das identidades da(o)s docentes depoentes recorro às teorias antropológicas, sociológicas, psicológicas contemporâneas que alicerçam os processos educativos, no contexto histórico dos desafios amazônicos. É uma tarefa ousada, inovadora e, justamente por isso, inacabada. É uma problemática complexa, para além dos processos educativos, mas é tarefa dos educadores se debruçarem sobre ela. É um desafio, também, amazônico, a temática étnico-racial de corte negro, para dar visibilidade às populações negras no Amazonas. E aqui estamos nós, docentes negras e negros, para marcarmos nossa visibilidade.

De antemão eu já sabia que toda(o)s a(o)s docentes se autotransformavam como negra(o)s. Ao chegar em Manaus, em novembro de 2003, houve um evento na Faculdade de Educação (Faced) da UFAM, alusivo ao dia da consciência negra e naquele momento alguns relatos de docentes negra(o)s despertou o meu interesse. Logo, por meio desta pesquisa pude constatar que as identidades negras da(o)s depoentes foi construída em meio às situações de discriminação negativa motivadas pela aparência e pela condição social delas e deles. Demonstrando mais uma vez que o preconceito de marca é o que prevalece nas relações raciais brasileiras. E este processo de constituição da identidade estava alicerçado num movimento permanente em busca de reconhecimento intelectual e profissional. Assim, mantiveram vivos neles e nelas elementos identitários da cultura negra brasileira.

Então, vejamos o que nos dizem nossos depoentes acerca do processo de construção das identidades étnico-raciais delas e deles:

O que eu entendo por identidade negra. Sei que sou a partir da origem, Bahia e Maranhão. Ah, não conheci meus avós, mas convivi com tios e tias, principalmente tias, mulheres trabalhadoras, esforçadas, alegres, bonitas. (Pausa) Seu saber e seu fazer nas cozinhas de pessoas especiais, especiais no sentido de que ajudavam, no sentido de que respeitava e contribuía com o ensino da prática daquilo que se fazia. Eu mesma enquanto morando em casa de família, como nós dizemos, tive o privilégio de ajudar numa cozinha de uma senhora que escreveu dois livros maravilhosos sobre culinária. Livro esse que eu entendo como um tratado de sociologia da alimentação, a situação de servir o alimento, tudo aquilo que envolve o contexto da alimentação. (Pausa) Não fora essa trajetória, numa docência, eu teria a trajetória dos meus ancestrais, minha mãe, minhas tias, irmãs, trabalharam também como domésticas e isto ainda faz muito parte da nossa identidade negra, servir, servir, mas servir bem! Servir com alegria. (Prof^a. Elenir)

O que eu entendo por identidade negra? Olha. (pausa). Aqui (diminui tom de voz) vez por outra eu sou procurada pelos meus colegas dos movimentos, sobretudo agora que o movimento, o Fórum Permanente que discute as questões de negritude na Amazônia, que é o FOPAAM e com eles (aumento do tom de voz) eu estive visitando a direção da Universidade Federal do Amazonas para discutir as cotas. Foi

essa a discussão. E aí, o reitor aqui da Universidade, o professor Hindenberg olhou pra gente e disse assim: quais serão os critérios para vocês estabelecerem se uma pessoa é negra ou não? E por enquanto no Brasil, o que se põe é a cor da tez. Aliás, é a cor da tez que faz com que algumas pessoas sejam afastadas, que fez e que faz! (ênfase). Ah, então, justamente será a cor da tez que fará com que essas pessoas, elas sejam aproximadas. Então, eu sei que ela vai para além disso. E quando eu falo para além disso, a gente precisa ter muito cuidado, muito cuidado. Porque a identidade negra ela é eivada de uma cultura belíssima, e essa cultura além dela ter sido arrancada da população de tez escura, de cor preta, ela foi absorvida e retrabalhada pela cultura dominante. Então, eu acho assim, que a identidade negra ela pode ser usada historicamente para uma reviravolta pela cultura dominante para continuar o processo de dominação, ela vem no sentido de desqualificar aquelas pessoas de tez negra ou que não conhece sua própria cultura ou não se identifica com aquilo que há de mais belo no mundo em todos os setores da sociedade. Nós vamos ver as religiões, os rituais. O que eles copiaram dos rituais do continente africano de um modo geral. Quer dizer então, isso aí já está retornando como uma forma de dominação. A gente vê o que a gente não via. Eu era criança na década de 70, a mãe-de-santo de cor clara, de tez clara, não se via. Hoje são *n* mãe-de-santo, pai de santo, que estão lá, que se apropriou da cultura. Não é? Porque tem dois processos, eu vejo que são dois processos. E foram quinhentos anos? Vamos dizer, no mínimo trezentos anos, de destituição, de corte, não é verdade? E que essa população passou a absorver outras culturas e esse povo que fez essa destituição, sabendo que a mentira não vai por muitos anos, sabendo também que o movimento da história, dele a gente não foge e veio mais rápido do que muitos imaginavam. O desvelar de uma série de verdades para o mundo. Quer dizer então, quando essas verdades elas estão sendo desveladas, aquela população que foi tolhida de ter acesso à sua cultura, ela já vai ser desqualificada porque ela não conhece a sua cultura. Existe um antropólogo, que queimaram seus livros, que dizia que os negros que habitavam ali, a costa brasileira, sobretudo ali onde é hoje o estado de Pernambuco, nos anos de 1700 não conheciam o milho. Óbvio, foi tirado deles. Foi tirado deles. Então, hoje, por exemplo, seria muito comum a gente chegar para uma menina negra no Brasil e perguntar se ela conhece os dezessete orixás existentes nas religiões de origem africana. Ela não vai conhecer porque houve, na realidade, nesses séculos de dominação, houve na realidade um processo de aculturação, com um processo também, para essas populações, de que aquilo ali não prestava, que aquilo ali era do demônio, que aquilo ali era.... Então, quer dizer, hoje essa, digamos assim, essa classe dominante, ela também, na sua (pausa), sei lá, quinquagésima ducentésima geração, ela também vai reproduzir isso, mas o reverso da moeda. Eu não sei se eu estou me fazendo entender. Hoje a tua cultura que é bonita, que é reconhecida pelo mundo inteiro, (ênfase) não é mais tua (aumento do tom de voz), é minha! Não é? Porque tu és um incapaz de entender aquilo. Nunca vão dizer que os seus antecedentes foi que tiraram deles. Mas é que você é incompetente, que você tem dificuldade para pensar (diminuindo o tom de voz), que você tem dificuldade de refletir. Então, a reflexão como alguma coisa atribuída à civilização ocidental, será ela que será a responsável de desvelar a maravilha da cultura negra! Então, quer dizer, a identidade negra ela requer um estudo e absorção, também, de todos esses valores na sua raiz. Quer dizer, então, a identidade negra pra mim, ela vai resgatar toda essa, essa beleza que está na cultura no continente africano, é um continente muito amplo, muito rico, muito diverso, também. Mas, sobretudo, é entender as metamorfoses ocorridas na cultura dos negros que moram no Brasil, que não é

muito diferente da cultura dos negros que moram na América do Norte. Agora lá, como eles sofreram e motivaram uma série de cisões, talvez a autoestima deles seja uma autoestima mais, é, trabalhada. Mas eles também buscam hoje uma aproximação com as raízes africanas, com fins de também ter uma sustentação naquilo que eles desenvolvem no seu país de origem. (Prof^a. Heloísa)

É, o que eu entendo por identidade negra. Então essa pergunta, também, eu penso que ela é bem complexa, não é uma pergunta pra ser respondida por que isso vai depender muito da percepção de cada pessoa, branca, negra, mulata, índio e como ele se percebe, e como ele percebe o outro. Então no meu caso têm umas variáveis que eu tenho que colocar, eu tenho que falar sobre essas variáveis antes. Na primeira questão, como eu falei no início, eu sou filho de barbadianos e eu nasci num tempo, 1939, em Belém, onde havia muitos barbadianos, Belém, Manaus e Porto Velho. Então o que que acontecia em Belém, por exemplo, eu penso que em Manaus também, porque eu conversei com outros descendentes de barbadianos aqui em Manaus, e também conversei com barbadianos em Porto Velho, descendentes de barbadianos em Porto Velho e parece que aquilo que eu percebi em relação aos barbadianos de Belém, se bem que eu percebi isto mais tarde, na adolescência, eu saí de Belém com dois anos de idade, é de que os barbadianos, eles viviam em grupos fechados, em relação às outras etnias brasileiras, tanto negros, quanto os mulatos, quanto os brancos. Na verdade, eles viviam muito entre si, falavam inglês entre si e muitas vezes eles se orgulhavam de ser ingleses, de ser britânicos, e, justamente por causa disso, eles também tinham suas idiossincrasias. E então, tomando como exemplo, meu pai, minha mãe, e alguns barbadianos da minha família, a primeira coisa é que eu quero dizer é o seguinte, os barbadianos negros, se percebem como negros, eles como negros, eles tem uma, uma ação e reação em relação ao mundo em volta deles que eu, eu não sei se eu posso falar assim, de uma maneira, assim, um pouco responsável, mas a impressão, percepção, é de que os barbadianos negros, eles se percebiam, percebiam a relação deles com os brancos, por exemplo, ingleses, um pouco diferente da relação dos negros brasileiros em relação aos brancos brasileiros. É claro que essas idiossincrasias em relação aos barbadianos, os barbadianos têm tudo aquilo que todas as colônias têm, colônia portuguesa, a colônia francesa, a colônia holandesa e a colônia inglesa, nós temos. O que é que nós temos? Nós temos aquela reação em relação ao europeu, principalmente em relação ao branco da metrópole, em que muitas vezes nós, alguns de nós, negros barbadianos, tomando como exemplo, às vezes nós, é, vemos o, o, branco inglês, uma pessoa assim, um pouco superior, com excesso de respeito, mas há também aqueles barbadianos que vêem o branco, o branco inglês como adversário, que vêem assim, o branco inglês como o competidor e quer se igualar ao branco inglês. Então, isso tem muito na colônia britânica. As próprias histórias, depois eu fui tomar consciência na Guiana Inglesa, que houveram muitas histórias dessas competições em que o negro quer se igualar, quer mostrar que é igual ao inglês. E, então, o barbadiano, muitas vezes, ele quer seguir essa relação do branco brasileiro, quando, quero dizer, o negro brasileiro ou o branco brasileiro, há assim, uma relação muito de subserviência. Não quer dizer que não exista essa relação de subserviência no mundo da Colônia Inglesa, existe também, mas lá também existe aquela relação, um pouco de competição, entre as raças. Então eu venho de uma família em que essas duas posições dos negros estavam presentes, é, ou meus tios, meu pai, minha mãe, minhas tias, tudo por causa das próprias condições de vida que levava a este tipo de, de, vamos dizer de reações ou ações. Então, identidade negra,

no meu caso, na nossa família, é, na verdade o orgulho de ser negro, muito antes de nós ouvirmos essa palavrinha orgulho negro, nós nos orgulhávamos de ser negros e não nos sentíamos envergonhados de ser negro. Então, nós fomos educados, por meu pai, a cuidar das nossas vidas, a nos preocupar em conquistar os nossos postos, os nossos direitos e fazer os nossos deveres, também. Isso daí também era muito incutido na gente, é cumprir com as nossas obrigações, os nossos deveres, se nós assumíamos um compromisso nós tínhamos que cumprir com aquele compromisso. Então, a nossa educação foi muito assim. Então, a identidade negra pra mim, desde o início, foi de reconhecer que eu sou negro e que no mundo existem outras pessoas não-negras e que as nossas relações são relações que podem ser de amizade, se o outro manifestar amizade conosco, e também pode ser de ódio, pode ser de raiva, pode ser de inimizade, se o outro manifestar inimizade conosco, e dentro das nossas percepções pode ocorrer, tanto com o branco, com o negro, com o mulato, com o índio, isso vai depender muito dessa reação do outro conosco. Então, a relação nossa era, mais ou menos, assim. E a identidade negra pra nós era, na verdade, é fazer um pouco, cumprir com as nossas obrigações tanto quanto os outros, também, devam cumprir com as suas obrigações e com respeito com o outro. Sempre nos foi ensinado dentro da nossa família. Agora, é claro que a gente, eu podia falar muito sobre isso, em relação, também, a questão da ideologia, do mundo britânico, a ideologia do colonizador, do imperialismo britânico estava presente, no comportamento do meu pai, da minha mãe e que eu tive de lutar muito contra eles, pra mostrar pra eles que os ingleses eram tão racistas quanto os alemães, quanto os nazistas. Então, é claro que isso aí é uma outra história que nós teríamos que nos debruçar. Agora, como é que nessa situação de identidade negra, a gente tenta agir no mundo? É valorizar tudo aquilo que é negro, toda a cultura negra, todas as sociedades negras, me sentir solidário com todo o sofrimento dos negros no mundo todo. Mas é claro que à medida que nós vamos fazendo leituras do mundo e de textos, nós vamos ver que, na verdade, não só o negro foi espoliado, nós nos damos conta, também, que no Brasil os índios foram tanto ou quanto espoliados quanto os negros brasileiros, nós nos damos conta que o negro britânico, o negro francês, o negro holandês, o negro alemão na África e o negro brasileiro, todos eles foram espoliados pelos seus respectivos colonizadores. Daí, no meu caso, por exemplo, essa, desde o início da minha vida acadêmica, desde o início das minhas leituras, essa, esse compromisso, de tentar participar junto com outros negros brasileiros, da Guiana, mesmo, eu já estive na Guiana também, conversando com outros negros, da nossa identidade, da nossa luta. (Prof^o. Isaac)

Com relação à identidade negra, o que eu entendo por identidade negra? É, essa forma de ser e de se reconhecer como pessoa dentro da sociedade. A cor, ela é fundamental, mas ela não é tudo. Então, numa sociedade que se divide como a nossa, que divide, como essa sociedade de certa forma se divide por desconhecimento criando preconceitos, então na verdade a cor vai fazer diferenças dentro dessas relações que a gente trava. Então eu me vejo sempre como uma pessoa que tem que reconhecer a importância de estar junto com os outros pela diferença que eu tenho por ser negra, mas de não me abater diante de coisas como essas que eu vivi na Universidade que é o racismo que os colegas manifestaram. Então, quando eu era criança, quando a gente ia pra escola, ia à pé, saía da minha rua à pé, chegava na catraia, atravessava o rio pra ir pra escola. E muita vezes nesse lugar que era o matadouro, as pessoas que estavam ali trabalhando, inclusive crianças, homens, a maioria homens, poucas mulheres, muitos homens e algumas crianças,

meus irmãos, inclusive trabalharam lá, virando tripa e fazendo, tirando óleo de mocotó, tirando tutano, trabalhavam com isso. Então, a gente passava e muitas vezes: picolé de açaí! (risos). Gritavam pra mim. Então, eu ficava, Meu Deus, lívida, eu ficava ali, Meu Deus, eu não parava de andar, ia embora e eu sempre pensava: ah, as pessoas estão me tratando desse jeito mas eu não sou picolé de açaí. Eu sou uma pessoa! (risos) Então, eu sempre é, não valorizei esse tipo de tratamento que eu recebia, como às vezes de colega, picolé de breu, ah, lá vai picolé de breu, picolé de açaí! Ah, negro quando não suja na entrada, suja na saída! Todas essas coisas eu ouvi. Ou indo pra escola, ou, muitas vezes, numa brincadeira e às vezes não era uma criança, era um adulto que insultava. E eu sempre pensava nisso: eu não sou isso, eu sou uma pessoa! E isso me deu sempre a condição de olhar as coisas de outra forma que não fosse essa de ficar humilhada com aquelas formas de tratamento, porque se não eu não avançaria, jamais iria sair daquela situação que a gente tinha lá. (Choro) Então, eu me reconheço nesse contexto em que diferentes pessoas, diferente grupos, diferentes etnias estão convivendo e eu convivo junto. Então, eu não posso me eliminar, pela humilhação que me fazem, eu me sentir humilhada, eu ficar humilhada, aliás, né? E por isso não me movimentar, não prosseguir. Então, é dessa forma que eu construo a minha identidade, nesse contexto. (Emocionada, Prof^a Valdete)

Assim, a identidade, apesar de ter um caráter universal, é construída localmente e, no caso específico, é necessária a contextualização do processo de constituição da identidade da(o) negra(o) brasileira(o). Ou seja, essa herança coletiva, histórica, econômica e política, é um marco referencial no desenvolvimento da identidade étnica individual. A identidade negra é construída e reconstruída nesse movimento entre a universalidade e a particularidade, na conjunção entre o coletivo e o particular.

3. ASCENSÃO SOCIAL DE NEGRA(O)S VIA EDUCAÇÃO

Os estudos sobre a mobilidade da(o) negra(o) no Brasil são antigos. Vários cientistas sociais brasileiros, a exemplo de Clóvis Moura, Florestan Fernandes, Neusa Santos, Octávio Ianni, se dedicaram à relação cor e posição social. Estes estudiosos demonstraram que as oportunidades de ascensão social da(o) negra(o) brasileira(o) são tolhidas devido às desigualdades econômicas e educacionais a que estão submetidas as populações negras. Mas, o maior obstáculo à mobilidade ascendente continua sendo a discriminação racial existente em nossa sociedade porque o nosso preconceito é de marca, baseado nas características fenotípicas da pessoa.

Historicamente, quando a mobilidade ascendente de negra(o)s ocorre é através dos esportes e das artes.

Quanto às possibilidades de mobilidade ascendente por meio da educação, estas são ainda menores, quase exceção, mesmo com o aumento dos índices de escolarização da população brasileira nos anos 90.

Nesta pesquisa, da(o)s cinco docentes, três são da Faculdade de Educação, uma do Serviço Social e um das Ciências Sociais. Outros estudos sobre ascensão social via educação, assim como o Censo do INEP (2008), registram que os cursos de menor prestígio são majoritariamente negros, tais como os curso da(o)s depoentes. Apesar disto, a mobilidade ascendente destes docentes negra(o)s possibilitou-lhes status e prestígio característicos aos brancos da classe média alta brasileira.

Vejam quais foram os fatores que determinaram a trajetória deles e delas:

Mas essa é minha trajetória, intencional, a de ser professora. Lembro que quando fazia o magistério, fiz um bilhete numa prova para uma professora muito exigente e aos meus olhos, professora perfeita, e aí, eu pedia a sua avaliação sobre as minhas condições de ser professora. Houve resposta encorajadora e me deu mais segurança para continuar o meu trajeto. Passando no vestibular tive oportunidade de trabalhar com o ensino, com o segundo grau à época, numa escola particular e foi uma experiência bem interessante, ser mãe, ser aluna, e ser professora, tudo simultaneamente, dependendo de transporte público, morando em área de periferia. Mas tivemos a felicidade de obter vitória nessa luta toda. (Prof^a Elenir)

Sobre os fatores que determinaram a minha trajetória acadêmica, eu desde a minha graduação, eu sempre tive muito interesse em participar de um processo de pesquisa, de aprofundar os conhecimentos adquiridos na graduação, mas ela se consolidou muito mais na minha relação com o movimento estudantil. Eu participei do Centro Acadêmico e concomitante a esta participação no Centro Acadêmico, eu também tinha uma inserção nos movimentos sociais em Manaus. Quer dizer então, a minha trajetória acadêmica, ela está eivada da minha opção política também. Eu não consegui, eu não consigo desvinculá-la, para mim são duas coisas que estão imbricadas. Eu queria dizer que os fatores que determinaram a minha trajetória acadêmica foram os fatores, buscando na realidade, o aprofundamento dos meus conhecimentos e a vontade que eu sempre tive de fazer pesquisa. Isso aqui eu ainda estou, vou dizer, eu vou falar aqui! A gente precisa amassar muito barro, como diz alguém, dar muitas caminhadas, pra dizer: olha, hoje eu sou uma pesquisadora. Não é fácil esse caminho, mas era o que eu queria. (Prof^a Heloísa)

[...] Teve um aspecto, uma questão extremamente importante, que foi no segundo ano de faculdade, 87, estourou o plano cruzado, o plano econômico do Sarney, a inflação foi a 80, 70, 80% ao mês. Ah, nós não tínhamos onde morar, eu morava numa pensão, é, isso já era, na verdade foi no final de 86 quando estourou o cruzado. Eu morava numa pensão e tinha um grupo de colegas que moravam em repúblicas. Chegou em 87 e nós tínhamos duas opções, os preços dos aluguéis aumentarem assim, três ou quatro vezes e nós tínhamos duas opções, ou nós abandonávamos o curso e íamos embora, e a UNESP, os campi da UNESP têm como característica, pelo menos 50% dos alunos da UNESP não são cidade, mais de 50%, então, a população de fora é muito grande. Então, nós tínhamos duas opções: ou íamos embora ou nós íamos brigar por moradia estudantil.

Houve uma situação que foi marcadora de divisão em que um dos colegas, o George, foi despejado de onde morava. Ele pegou as tralhas dele, colocou numa carroça e agora, pra onde eu vou? A única referência que ele tinha era o Campus da Universidade. E na época eu era vice-presidente do centro acadêmico, no segundo ano de faculdade e eu disse: entra, fica aí. O cara não ia ficar na rua. Só que aí nós decidimos dar àquela atitude, que era uma atitude pessoal, individual, um caráter político. Fizemos uma reunião, enfim, e aí iniciamos um processo de luta pela moradia. Mais dois colegas que também estavam na mesma situação, também foram para a Universidade. E a partir de fevereiro de 87, quando os calouros foram chegando, nós começamos a fazer uma campanha e a chamá-los para vir morar na Universidade, que nós íamos ocupar as salas de aula. E aí, em fevereiro de 87 nós ocupamos duas salas de aula e mais o Centro Acadêmico que já estava ocupado e passamos a lutar por moradia. Depois da nossa ocupação outros campi da UNESP também foram ocupados, Assis, Marília, Prudente, Araraquara, Rio Claro, Jaboticabal, eu me lembro desses Campi. Nós fizemos um movimento de moradia estudantil. E nós ficamos em Marília durante três anos e meio, morando em duas salas de aula. E foi duro, foi complicado, mais isso ajudou, por exemplo, numa coisa, um outro aspecto que foi importante é que muitos dos estudantes que passaram a passar na Universidade, que não teriam condições de vim morar em Marília por conta de moradia, custos, passaram e conseguiram morar porque moravam em sala de aula, com destaque os estudantes negros que tinham dificuldades ainda maiores do ponto de vista econômico. É, Cidinha, Magda, Donizete, Natalino, esses todos são nomes de estudantes que eu podia citar. E foi uma escola de formação. Foram três anos e meio morando com quarenta pessoas, cada aluno com um espaçozinho um pouco maior do que um colchão. Isso nos ajudou e aí a moradia saiu, depois de três anos e meio. [...] teve uma coisa que é interessante você estabelecer. Em 94, eu era chefe, eu cheguei em 92, 93 pra 94, final de 93, assumi chefia de departamento. Fui chefe durante um ano, dois anos e numa das conversas, uma vez, conversando com um professor americano, que morava aqui, trabalhava aqui com a gente, professor visitante, filho de um antropólogo, ele dizia que não havia preconceito no Brasil. E eu disse, como não? Não, não, não existe preconceito. Tanto é que você é a prova mais contundente da democracia e da falta de preconceito no Brasil. E ele dizia, você é negro, é filho de classes populares, estudou em escola pública, ascendeu por mérito, hoje você é professor de uma Universidade, é uma pessoa, um profissional reconhecido em Manaus e é chefe de departamento. Quer dizer, que sociedade é essa, preconceituosa, que permitiria essa trajetória? E aí eu tive que explicar a ele que, na verdade, esse é um processo histórico que ele precisa compreender um pouco melhor. E, em especial, que, eu lhe dizia, olha dos meus trinta amigos do ensino fundamental, da escola, o único que chegou à Universidade fui eu. O que aconteceu aos outros trinta? Eles não tiveram mérito? Ou eles foram fígados, foram capturados, pelas teias, pelas redes, pela peneiras de exclusão. Na verdade eu tive uma série de razões para ser excluído, não era porque me agarrava aqui e ali, em algumas, em alguns apoios que me permitiram transcender. Por exemplo, a própria moradia estudantil. A luta pela moradia foi uma resistência a não sair da Universidade, porque a dinâmica era: vá embora, você não tem de ficar aqui, você não tem dinheiro pra morar, vá embora. (Prof^o Luiz)

Então, os apoios que determinam a minha trajetória acadêmica foi o fato de ter feito o curso, essa formação de Pós-graduação. Na realidade eu jamais havia cogitado de estar na Universidade como professora. Já era bastante enxergar a Graduação, sair e trabalhar com educação básica dentro do sistema público de educação. Eu não tinha essas pretensões, mas foram acontecendo as coisas dessa forma, não é? E eu, também, fui

aproveitando as oportunidades que foram aparecendo. Então, o fato de ter feito o Mestrado ajudou bastante e contribuiu bastante para que eu estivesse, voltasse e me engajasse na Universidade, a partir dessa obrigatoriedade de cumprir o mínimo de dois anos de trabalho pra retribuir o que eu havia recebido através da bolsa de estudos. Era uma bolsa que, nesse tempo, não chegava nem a mil reais. Eu creio que chegava a quinhentos reais, correspondia a quinhentos reais. (Prof^a Valdete)

As trajetórias demonstram que a maioria da(o)s depoentes são oriundos de classes populares. A(o)s cinco docentes se destacaram nos estudos, sendo que destes, três são a(o)s única(o)s a concluírem uma graduação de nível superior e a tornarem-se docentes no histórico de suas famílias. Não que a carreira docente do ensino superior tenha sido planejada, mas esta foi se configurando diante das oportunidades que apareciam no percurso das trajetórias acadêmicas bem sucedidas. E vislumbradas como uma alternativa à situação de pobreza e de discriminação racial. Portanto, considero que a educação foi uma estratégia inconsciente de superação das desigualdades raciais e econômicas.

4. RACISMO INSTITUCIONAL

O conceito de racismo institucional ou racismo sistêmico foi criado em 1967 por Carmichael e Hamilton e refere-se à forma de racismo que se estabelece nas estruturas de organização da sociedade, nas instituições, traduzindo os interesses, ações e mecanismos de exclusão perpetrados pelos grupos racialmente dominantes.

O racismo institucional é o conjunto de práticas e condutas discriminatórias baseadas em aspectos fenotípicos estereotipados, presentes no imaginário coletivo sobre as populações negras brasileiras distoantes do padrão de beleza eurocêntrico e branco.

Segundo Luiza Bairros, o racismo institucional “coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso aos benefícios gerados pela ação das instituições e organizações” e “acontece quando instituições e organizações fracassam em prover um serviço profissional e adequado às pessoas por causa de sua cor, cultura, origem racial ou étnica.” (BAIROS apud BRITO, 2007).

As narrativas destas e destes docentes trouxeram à tona algumas formas do racismo existente nesta Universidade. Algumas práticas diretas e, as demais, em sua maioria, dissimuladas e sutis. Aqui entramos em uma espécie de campo minado porque, notadamente, o povo brasileiro é racista, mas esconde seu preconceito. E várias vezes fui alertada da delicadeza desta questão. Porém, não se trata de delicadeza, mas de

mascamamento, dissimulação, sutileza, características típicas da classe média brasileira, que impregna as instituições brasileiras. E durante os depoimentos a dor e o constrangimento foram evidentes, mesmo para aqueles que afirmaram nunca terem sido vitimada(o)s. Por isso, também, é interessante assistir ao vídeo para perceber que o corpo nega o que as palavras afirmam.

Quando indagada(o)s sobre a percepção acerca das formas de racismo institucional na UFAM e as estratégias desenvolvidas diante deste, ela(e)s responderam:

Nunca percebi na Universidade do Amazonas, contra a minha pessoa, racismo. Não precisei desenvolver nenhuma estratégia com relação a isso. Talvez por não ter vivido nenhuma situação assim, ao longo da minha formação acadêmica e profissional. Mas vivi essa dificuldade na infância. Minha mãe costumava nos proteger, nos acompanhar porque eu tenho irmãos também, mais escuros que eu e sempre havia muito sofrimento para eles com relação aos colegas no momento do período escolar. (Prof^a Elenir)

Isso aí, você tem que ter uma percepção muito aguçada, para dizer: olha, isto foi um ato de racismo. E aí, vem de determinados setores e, às vezes, dá vontade de rir (risos). Porque são setores ou pessoas cujo conhecimento (pausa), sem falsa modéstia, não chega à metade dos que eu tenho. Então, como eles não podem competir (riso) do ponto de vista do conhecimento, aí vêm essas outras variáveis. E isso, às vezes, eu acho engraçado, como o ser humano é medíocre. De levantar, outros pontos, que não aquele ponto de maior privilégio, que seja a de uma pessoa que tem competência para gestão, que seja uma pessoa que tem competência para agregar pessoas para trabalharem acima de um plano comum, pessoa que possa construir objetivos comuns com seus pares. Então, é lamentável que tenhamos ainda este tipo de estratégia, aqui dentro, na Instituição. É, ao longo da minha trajetória uma coisa interessante que, às vezes, eu percebia é, (risos) às vezes, as pessoas assim, do ponto de vista cultural, mediano ou baixo, quando eles procuravam o assistente social na empresa. Então, eles tinham na cabeça deles, um imaginário, um tipo de assistente social e, às vezes, eles ficavam impactados quando me viam: ah, é você! E, eu tenho um jeito assim, magrinho e pequeno, não é, que, às vezes, assim, pode apresentar. É interessante porque é uma imagem jovial, mas é ruim porque você, as pessoas acham sempre que você é muito jovem, tinha isso. Mas também, agregando aí, uma coisa que o impacto era maior, quando viam que eu tinha uma tez (pausa) preta. Que a cor é preta. Isso aí se dava muito mais no âmbito junto aos trabalhadores do que dentro da Universidade. Menos impacto, se eu for rever toda a trajetória profissional. Mas também eu reconheço que, mesmo na minha área, nós somos poucas, mestres e doutores negras. Eu acho que no serviço social têm pessoas que se identificam com caboclo. É, etnicamente falando é difícil nós atribuímos alguns elementos constituintes da raça com esse segmento. (Prof^a Heloísa)

Então, quanto a essa questão de perceber essas formas, eu percebo assim, vamos dizer, no Brasil, são os ditos, nos ditos populares, às vezes numa brincadeira. Nessas brincadeiras a gente vai respondendo à altura. Mas, como eu digo, o racismo precisa ser manifestado bem claramente e muitas vezes, no Brasil, parece que as pessoas não manifestam claramente esse racismo, que é diferente, às vezes, em os outros

países, onde os racistas se manifestam. Eles têm ações, mesmo, contra o outro, o negro, o índio, o latino. Então, eu posso dizer assim, isso nunca, vamos dizer assim, me preocupou muito porque nunca percebi isso se manifestar claramente. (Prof^o Isaac)

Em relação ao preconceito. É óbvio que o Estado brasileiro é um Estado discriminador e preconceituoso, com destaque para população negra, mas não só. O Estado discrimina a mulher, os portadores de deficientes, discrimina os que não são esteticamente bonitos dentro de um determinado padrão, discrimina as populações regionalizadas - aquelas que estão à margem do centro político decisório - se você não é branco, caucasiano, urbano e paulista, você tende a ser discriminado. Agora, é claro que tem um tipo específico de discriminação que é a étnico-racial, que é a população negra, porque ela incorpora o que há de mais perverso na medida em que ela é sexista, ela é violenta, ela é excludente social e economicamente e ela é histórica. Tem aí, quatrocentos, quase quinhentos anos de discriminação e preconceito. Entretanto, aqui no Amazonas é o lugar onde eu menos tenho sofrido discriminação e preconceito por raça ou preconceito racial ou étnico. Eu penso, até outro dia eu falava com alunos, eu comentava com um grupo de alunos, que eu penso que tem a ver, em parte, que a elite local, ou parte da elite local, ela é do ponto de vista da pigmentação da pele, morena. Então, eu, Amazonino Mendes, Gilberto Mestrinho, uma pessoa parecida, um promotor ou um desembargador, do ponto de vista da cor da pele, nós temos uma pigmentação muito parecida. Isto talvez pudesse explicar, eu não tenho elementos para isso, mas talvez pudesse explicar, em parte a questão do preconceito. Tem um outro elemento que a presença negra na Amazônia, ela é, a presença contemporânea, a maior parte dos negros que estão aqui são negros de classe média, média alta. São servidores públicos, são oficiais, são oficiais ou suboficiais das forças armadas, ocupam postos de gerência no parque industrial, são servidores públicos ou privados, mas de nível médio ou superior. Isso faz com que essa população negra ocupe espaços urbanos, ocupe territórios da classe média e que talvez, um dos componentes é o econômico e à medida que você superou esse problema econômico você minimiza esse tipo de preconceito. Mas isso teria que ser estudado, eu não consigo explicar muito bem. O que está claro aqui é: o preconceito que eu sofro no sul e no sudeste, aqui nesse espaço, esse sujeito histórico que sofre o preconceito aqui, é o índio. Eu quando vejo as formas como os índios são tratados na Amazônia, eu me vejo nessa forma. Aquilo que eu seria tratado no sul e no sudeste, aqui se dá em relação ao índio. É, tem uma alegoria que expressa essa coisa da discriminação e preconceito que é essa idéia de você atribuir ao outro estigmas. Aqui, por alguma razão, o negro não foi estigmatizado como foi no resto do país. É, outro dia eu comentava, comentei em sala de aula, você tem, por exemplo, uma mulher que entra num elevador no prédio de classe média e no andar subsequente entra um jovem negro. Ele entra, olha, se posiciona e o elevador vai subindo. E essa mulher começa a viajar. Qual a possibilidade de ser assaltada? Quem eu chamo, esse homem vai me assaltar, eu estou em risco, etc. E o elevador subiu, quando chegou ao andar que o rapaz tinha que descer, ele desejou a ela boa tarde, até logo, bom descanso e seguiu sua vida. Ou seja, a impressão que ela tinha era falsa. Mas o estigma vai para além disso. Essa mulher chegou à casa, esbaforida, pegou o telefone e ligou para as amigas dizendo, vocês não têm idéia do que acabou de acontecer comigo. Eu quase fui assaltada! O sujeito não era assaltante, não tinha idéia de assaltá-la, mas a idéia de que quase fui assaltada, a idéia do medo era tão forte que ela introjetou aquilo e achou que de fato

aquele sujeito quase a assaltou. É isso que acontece no Amazonas ou no resto do país. Na Universidade, esse preconceito, ele se expressa de forma velada. Muitas vezes, é engraçado, na Universidade eu sinto mais momentos, ainda que sejam menores momentos, de preconceito do que na cidade. Talvez porque aqui tenha uma população não manauara mais acentuada. Não sei muito explicar, mas que aqui eu sinto, correlacionando, comparativamente falando, eu sinto mais preconceito dentro da Universidade do que na cidade, no centro. É, o preconceito, eles são subliminares, são sutis. Ah, eu poderia citar algumas, algumas coisas do tipo, primeiro dia de aula, a turma entra e: ah, o senhor que é o professor. Ou então, pergunta: cadê o professor? Ainda que você esteja postado na área, no espaço que é reservado ao professor, há a pergunta do tipo. Ou então quando uma terceira pessoa chega na sala, quer dar um recado e pedir licença pro professor. Ele olha e procura o professor porque ele não enxerga aquele homem negro que está postado ali como professor. Então, é muito comum isso, você encontrar. Essas pessoas talvez nem compreendam isso. [...] (Prof^o Luiz)

Então, quanto ao racismo institucional, na Ufam, (pausa) institucionalmente eu não sei. Nós, professores, estamos na Instituição e estamos fora dela. E, portanto se acontece uma situação como essa que aconteceu comigo de colegas traduzirem seu racismo através de seus insultos e até como esta colega escreveu no depoimento, realmente isto é uma coisa grave. Isso foi uma forma assim: bastante cruel! (ênfase) Porque eu observava que os outros colegas achavam que aquilo não tinha a menor relevância, que não tinha importância. Não era tanto assim, como a Valdete estava querendo que fosse feito, apurado. Não era tanto assim, não era pra tanto. Eu até brinquei outro dia, dizendo assim: ah, o processo ainda está ativo, ainda está na Reitoria, esse segundo processo. Aí eu disse assim: ah, como a minha colega pediu aposentadoria eu vou mover um processo pra ela voltar (riso). Porque quando você tem processo não pode se aposentar. Não sei como foi isso, que não averiguaram essa situação, que ela já aposentou. Aí, alguns falam assim: Não, não faz não que (riso), é melhor que ela não esteja aqui. É bom que a pele dela esteja livre dessa situação. Aí outro dia a professora perguntou: ah, como é que vai ficar esse processo? Vai encerrar? Eu disse: não! Eu não posso encerrar porque a pessoa vai me processar. Se eu retiro, ela vai me dizer: ah, me caluniou. Então, eu digo não. Ah, mas é muito difícil, fazer isso. Então, a Instituição parece que não está preparada para lidar com essa situação. Não acha isso uma coisa que seja necessário (emocionada), dar um atenção e encaminhar. Então esse processo está lá desde 99. Portanto, são dez anos que ele está rolando, sem ser concluído. Então, desse ponto de vista, existe essa condição que é a de mandar um encaminhamento rápido, devido. Se a pessoa for caminhando, de 99 pra cá são três gestões. Certo? E

continua lá. As estratégias, acho que as estratégias para superar o racismo na Universidade, esse que a gente percebe que existe, que as pessoas estão sempre achando que ele não é lá essas coisas, é um processo de educação dos próprios servidores que a Universidade tem. E das próprias Unidades que se constituem a Universidade. De poder discutir, abrir a discussão a respeito dessa situação, de poder ampliar o debate, educar as pessoas porque a pena ela é necessária, mas ela é também perversa porque até onde a pessoa que vai sofrer essa pena ela vai se refazer, se reconstituir com cidadã respeitando o outro ou até vai criar mais ódio. O que que pode desencadear disso tudo? Então, a prisão de uma pessoa por racismo, eu nunca, acho que eu já vi um caso no Brasil, até saiu na Mídia, uma coisa que depois a pessoa conseguiu se safar. Então, eu creio que o processo de educação pode ser, poderá ser mais eficaz, na condução dessas boas relações que deve haver. É claro que pode ser uma coisa muito romântica (voz embargada) que a gente já está a tantos séculos, tentando, buscando essa superação, mas é uma coisa bastante complexa e muito difícil. Então, eu acho que uma estratégia seria essa. Como educadora eu vejo essa estratégia de educação, discussão e engajamento de movimentos que possam fazer a superação disso. (Prof^a Valdete)

Diante das evidências do racismo institucional uma questão que se coloca é a de que a(o) negra(o) que ascende continua sofrendo o racismo. O processo de mobilidade ascendente foi permeado de conflitos e a ascensão social só se concretizou através de muita disciplina e muito investimento nos estudos. E a promoção na carreira se deu por meio da dedicação ao trabalho docente e à Universidade. Todavia, o status e o poder econômico não a(o)s eximem da discriminação e do preconceito. E o acirramento se dá justamente por estarem fora do lugar, ou seja, a mulher negra continuaria a saga da senzala exercendo funções de cozinheira, lavadeira, empregada doméstica, e o homem negro, o trabalho braçal, terceirizado, sujo e brutal. Na melhor das hipóteses, uma mulata de escola de samba e um jogador de futebol. Quanto as estratégias usadas pela(o)s docentes negra(o)s diante do racismo institucional são sempre estratégias individuais e imbuídas na busca de mais competências e habilidades profissionais e éticas. Contudo, o isolamento intelectual e pessoal é uma característica marcante à maioria da(o)s docentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao narrar parte das trajetórias de docentes negras e negros que se destacaram na Universidade Federal do Amazonas busquei dar visibilidade a este segmento, ainda minoritário nas Universidades Públicas brasileiras, em particular, a Federal. E ao mesmo tempo demonstrar a existência de uma parcela das populações negras no Amazonas, tentando desconstruir o mito da inexistência destas populações neste estado. Considero importantes as contribuições deste trabalho para estimular outra(o)s negra(o)s que almejam a carreira do magistério superior. Bem como, para o acúmulo de discussões que visem a proposição de políticas públicas de discriminação positiva para negra(o)s e indígenas, os segmentos mais afetados pela discriminação negativa.

Nós educadores optamos sempre por recomendações pedagógicas, principalmente tratando-se de uma Universidade. Neste sentido, é premente a execução de reformas curriculares que garantam a inclusão de disciplinas numa perspectiva de reeducação das relações étnico-raciais em todos os cursos de graduação e pós-graduação desta Universidade, principalmente, nos cursos diretamente envolvidos na formação de formadores. Processo este que está em curso em várias universidades públicas do país.

Também recomendo a adoção de um programa institucional de enfrentamento ao racismo nesta Universidade, alinhando-se às orientações dos Organismos internacionais e nacionais de combate ao racismo.

Eu me propus, ainda, a identificar a necessidade ou não da implantação de políticas afirmativas nesta Universidade. Uma das principais constatações deste trabalho é que todas e todos as e os docentes negras e negros entrevistadas e entrevistados receberam apoio para estudar. Primeiramente, apoio financeiro e, secundariamente, apoio familiar. E é ponto comum em todas as narrativas o fato de que sem esta rede de apoio – financeiro, intelectual e familiar - não teriam alcançado o sucesso acadêmico, profissional e pessoal. Neste sentido, defendo como fundamental a adoção do sistema de cotas raciais para propiciar a outra(o)s estudantes negra(o)s o direito a igualdade racial na educação, por meio de uma política pública que atenderá a uma coletividade, eliminando as estratégias individuais e isoladas da exceção que dá certo. Principalmente se considerarmos a origem social, ou seja, o pertencimento às camadas populares da maioria da(o)s depoentes, que agarraram-se aos estudos e galgaram ascensão social via educação, superando os desafios postos pelo preconceito e pela discriminação raciais ao longo destas trajetórias. Neste sentido, é importante frisar que a luta política não pode

ser abandonada porque trata-se, também, de se fazer justiça para com as populações negras que construíram essa nação e estão marginalizadas até hoje.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CNE. Parecer 03/2004. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana Brasília*. Brasília, 18/05/2004.

_____. IBGE. *Pesquisa Nacional por amostra de domicílio*. Rio de Janeiro, 1997.

_____. IPEA. *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*. 3 ed. Brasília, 2008.

BRITO. Antônio José Rollas de (Org.). *Fipir: Encontro do Brasil com a promoção da igualdade racial*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2007.

CARVALHO, José Jorge de. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *Série Antropologia*, Brasília, n. 395, 2006.

COSTA, Sérgio. A construção sociológica da raça no Brasil. *Estudos Afro-asiáticos*, São Paulo, ano 243, n. 1, p. 35-61, 2002.

COELHO, Wilma Baía. *O professor negro na universidade: Notas preliminares*. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/29.pdf. Acesso em: 31março 2008.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES. Valdisio. *A luta pela hegemonia: uma perspectiva negra*. Instituto Búzios: Salvador-BA, 2007.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FIGUEIREDO, Ângela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 23, p.199-228, jul./dez. 2004.

GARCIA, Renísia Cristina. *Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GOMES, Nilma. Cultura negra e educação, *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/jun./Jul./Ago, 2003.

GOMES, Verônica Maria da Silva. *Indivíduos "fora de lugar": o caso dos(as) docentes negros(as) nas relações de trabalho na Universidade de Brasília. Soc. estado.* [online]. 2004, vol.19, n.1, pp. 265-266. ISSN 0102-6992.

IANNI, Octávio. Dialética das relações raciais. *Estudos Avançados*, São Paulo, n.18, p. 21-30, 2004.

JOLY, Aython Brandão. *Botânica: introdução à taxonomia vegetal.* 12.ed. São Paulo: Nacional, 1998.

JOSSO, Marie-Christine. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: *Usos & abusos da história oral.* AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta (Orgs.) 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

LIMA, Ari. A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual? *Afro-Ásia*, Salvador, n. 25-26, p.281-312, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. (Org). *(Re)introduzindo história oral no Brasil.* São Paulo: Xamã, 1996.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. "Professoras negras no Rio de Janeiro: história de um branqueamento". In: OLIVEIRA, Iolanda (org.) *Relações Raciais e Educação – novos desafios.* Rio de Janeiro: DP&A (Coleção Políticas da Cor), 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.* Petrópolis: Vozes, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1, Nov. 2006.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. *Estudos Avançados*, São Paulo, n.18, p. 54-60, 2004.

RAMOS, Guerreiro. O problema do Negro na Sociologia Brasileira, *Cadernos de Nosso Tempo*, n. 2, p.189-220, jan./jun. 1954. Republicado em SCHWARTZMAN, Simon. *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*, Brasília, p. 39-69, 1981.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. *O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das Universidades Públicas do Estado de São Paulo.* São Paulo, 2001, 187 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/>. Acesso em: 22 julho 2008.

VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. IN: *Usos & abusos da história oral*. AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta (Orgs.) 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000

SALES Jr., Ronaldo. Democracia racial: o não-dito racista. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 2, nov. 2006.

SANTANA, Ivo de. Executivos Negros em Organizações Bancárias de Salvador: Dramas e Tramas do Processo de Ascensão Social. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 23, p.195-234, 1999.

SANTOS, Tereza. *Trajetórias de professores universitários negros: a voz e a vida dos que trilharam*. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

THEODORO. Mário (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília : Ipea, 2008.